

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SILVANA SWIECH BACH

**A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE IDENTIDADE DO INDIVÍDUO COM O
LUGAR: UMA ANÁLISE DE NOVOS MORADORES NO MUNICÍPIO DE
MATINHOS – PR**

MATINHOS

2012

SILVANA SWIECH BACH

**A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE IDENTIDADE DO INDIVÍDUO COM O
LUGAR: UMA ANÁLISE DE NOVOS MORADORES NO MUNICÍPIO DE
MATINHOS – PR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Curso de Especialização em Questão
Social pela Perspectiva Interdisciplinar, Setor
Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Midori
Kashiwagi

MATINHOS

2012

A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE IDENTIDADE DO INDIVÍDUO COM O LUGAR: UMA ANÁLISE DE NOVOS MORADORES NO MUNICÍPIO DE MATINHOS – PR

Silvana Swiech Bach¹

RESUMO:

O presente artigo discute a construção das relações de identidade do indivíduo com o lugar recorrendo-se aos aportes teóricos da Geografia Humanista, com destaque às teorias do geógrafo Yi-Fu Tuan como cerne das reflexões. Objetivou-se identificar quais os aspectos que contribuem ou não para a construção da identidade do indivíduo com o lugar e como isso pode se refletir nas relações sociais. A pesquisa com características quali/quantitativa teve como universo amostral os servidores técnico-administrativos da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, com pelo menos um ano de residência no Município de Matinhos e oriundos de cidades grandes e ou de cidades pequenas. Os resultados analisados revelaram que as relações sociais como interpessoais se consolidam pelas atitudes comportamentais de satisfação com o novo local de moradia, com a identidade e o sentimento de pertencimento ao lugar. Busca-se com essa pesquisa subsídios às ações de gestão de pessoas e ao desenvolvimento de atividades de acolhimento, evitando-se o isolamento do servidor e promovendo maior qualidade de vida no trabalho.

Palavras chave: identidade, lugar, relações sociais.

ABSTRACT:

This article discusses the construction of identity relations of an individual with a place, making use of the theoretical support of Humanistic Geography, with particular reflexions on the theories of Yu-Fu Tuan. One of the objectives was to identify which aspects contribute or do not contribute to the construction of the identity of the individual with the place, and how this can be reflected in the social relations. This research has both qualitative and quantitative perspectives and its sampling universe is made up of the regular technical and administrative staff of the Federal University of Paraná – Setor Litoral, with a least one year of residence in Matinhos, having come from great or small cities. The results showed that the social and interpersonal relations are consolidated by the behavioural attitudes of satisfaction with the new living place and the identity and feeling of belonging to the place. This research will bring subsidies to actions of personal management and to the development of welcoming activities, so as to avoid the isolation of the technical workers of the university and to promote better working conditions for them.

Key words: identity, place, social relations.

¹ Bacharel em Secretariado Executivo (PUC-PR), Secretária Executiva da Universidade Federal do Paraná, atualmente na secretaria da Direção do Setor Litoral. Artigo apresentado para avaliação final do Curso de Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar (UFPR). Turma 2010. E-mail: ss-bach@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo investigar quais os fatores que contribuem ou não para novos moradores do Município de Matinhos – Paraná, construírem uma identidade com o lugar. Busca-se por meio de referenciais conceituais e teóricos da Geografia Humanista, sob o viés da fenomenologia, discutir o sentido de lugar, espaço, identidade e as relações de afetividade com o mundo vivido pelo indivíduo.

A pesquisa tem como objeto de estudo os servidores técnico-administrativos da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral (UFPR Litoral), com ingresso na Instituição após o ano de 2008.

O Setor Litoral, sediado em Matinhos, foi criado em 2005 e quase a totalidade dos servidores docentes e técnico-administrativos desse Setor ingressaram por meio de concursos públicos ofertados desde o ano de 2005 até o presente momento.

Os referidos servidores, lotados na UFPR Litoral são oriundos de diversos Estados, de cidades grandes (capitais) ou pequenas (região metropolitana e interior), os quais precisaram adaptar-se ao novo município de moradia. Nesse processo de adaptação, esses novos moradores de Matinhos, reconstruíram novas relações de afetividade, buscando a construção de uma identidade com o lugar.

A importância de identificarem-se com o novo ambiente é fator fundamental para o desenvolvimento das relações interpessoais, sejam no âmbito pessoal ou profissional.

Diante do exposto, verificou-se que a necessidade de pertencimento com o lugar fez aflorar algumas indagações como “De onde sou?” e “De que lugar pertencço?” Questões que nos remetem a analisar se as experiências dos indivíduos com o lugar e as vivências podem desenvolver o sentido de pertencimento.

Acredita-se que essa pesquisa possa vir a contribuir na compreensão das atitudes comportamentais dos servidores, dos desafios da adaptabilidade em um novo *habitat*, na busca pelo sentido de morar, da necessidade de construção de uma identidade com o lugar, da importância da sensação de pertencimento entre outras inúmeras reflexões que buscou-se apresentar e discutir no escopo desse artigo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na busca pela compreensão da construção da identidade do indivíduo com o lugar utilizou-se como aporte teórico-metodológico a Geografia Humanista, sob a abordagem fenomenológica, destacando-se como centro das reflexões o pensamento do Geógrafo fenomenólogo Yi-Fu Tuan, além de outros autores que corroboram com as contribuições teóricas de Tuan nas análises das relações de afetividade e construção da identidade do indivíduo com um lugar.

Yi-Fu Tuan, ao estudar a categoria lugar, verificou sutis distinções com o espaço, pois percebeu que no instante que este passa a ter uma significação e é dotado de valor e afetividade, transforma-se em lugar. Tuan esclarece que à medida que conhecemos melhor o espaço e o dotamos de valor, o espaço ora indiferenciado adquire valores e transforma-se em lugar. Na experiência, o significado de espaço frequentemente funde-se com o de lugar, no qual o espaço é mais abstrato do que o lugar. No espaço, o sentimento é de liberdade e no lugar sente-se segurança, ou seja, ao mesmo tempo possuímos sentimento de apego ao lugar, desejamos a liberdade sugerida pela idéia do espaço (KASHIWAGI, 2011 p. 159).

Uma das preocupações de Tuan nos estudos sobre lugares era mostrar como as pessoas se sentiam nos lugares, considerando as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual), além de procurar interpretar esses lugares como imagens de sentimentos complexos. Foi com Tuan que o sentimento de empatia inseriu-se nas análises do campo geográfico, termo que já havia sido alcunhado pelo filósofo Friedrich Theodor Vischer (1807-1887) como a qualidade quase mística observada na união emocional que se produzia entre a pessoa e um objeto exterior, despertando sentimentos quando projetado sobre ele emoções pessoais (HERRERO FABREGAT, 1995 *apud* KASHIWAGI, 2011 p. 159).

Nesse contexto, Kashiwagi (2011, p. 159) explica que Tuan observou que tal união não necessariamente se traduzia em um sentimento agradável, mas principalmente em um sentimento de ligação do indivíduo ao lugar, os quais poderiam representar os sentimentos de amor, idolatria, rejeição ou indiferença. E com base nessas observações, Tuan propõe nas análises geográficas os termos *Topofilia*, *Topoidolatria*, *Topofobia* e *Toponegligência*, os quais constituíram as bases de muitos estudos das relações dos indivíduos com o lugar.

De acordo com o pensamento de Tuan, o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época. Segundo Tuan o próprio meio ambiente natural pode produzir uma sensação de abrigo, desde que seja penetrável como a floresta tropical, isolada e luxuriante como as ilhas tropicais, como um vale de forma côncava e com diversos recursos, ou ao longo de um litoral protegido (TUAN, 1980, p. 129).

A topofilia assume muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade. É um começo descrever o que elas são: prazer visual efêmero; o deleite sensual de contato físico; o apego por um lugar por ser familiar, porque é o lar e representa o passado, porque evoca orgulho de posse ou de criação; alegria nas coisas devido à saúde e vitalidade animal (TUAN, 1980, p. 286).

A compreensão do sentido de lugar

Sob a perspectiva de Tuan “espaço” e “lugar” são termos familiares que indicam experiências comuns. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Os geógrafos estudam lugares. Os planejadores gostam de evocar “um sentido de lugar”. Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. O “espaço” é mais abstrato do que “lugar”. (TUAN, 1983, p. 3).

Tuan, em seus escritos, explica que o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locacionais do espaço. As idéias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa (TUAN, 1980, p. 6).

No homem adulto são extremamente complexos os sentimentos e idéias relacionados com espaço e lugar. Originam-se das experiências singulares e comuns. No entanto cada pessoa começa como uma criança. Com o tempo, do confuso e pequeno mundo infantil, surge a visão do mundo do adulto, subliminarmente também confusa, mas sustentada pelas estruturas da experiência e do conhecimento conceitual (TUAN, 1983, p. 22).

Verifica-se a preocupação de Tuan quanto a escala dos lugares, no qual busca desmistificar o senso-comum, que transforma em sinônimo os termos “local” e “lugar”. Para Tuan, os lugares humanos variam grandemente em tamanho. Por exemplo, uma poltrona perto da lareira é um lugar. Pequenos lugares podem ser conhecidos através da experiência direta, incluindo o sentido íntimo de cheirar e tocar. Uma grande região, tal como a do estado-nação, está além da experiência direta da maioria das pessoas, mas pode ser transformada em lugar – uma localização de lealdade apaixonada – através do meio simbólico da arte, da educação e da política (TUAN, 1995, p. 149).

O paladar, o olfato, a sensibilidade da pele e a audição não podem individualmente (nem sequer talvez juntos) nos tornar cientes de um mundo exterior habitado por objetos. No entanto, em combinação com as faculdades “especializantes” da visão e do tato, estes sentidos essencialmente não distanciadores enriquecem muito nossa apreensão do caráter espacial e geométrico do mundo. (TUAN, 1983, p. 14).

O significado destes termos geométricos é realçado pelo uso metafórico no reino do paladar. O odor é capaz de sugerir massa e volume. Alguns cheiros, como de almíscar ou de angélica, são “fortes”, ao passo que outros são “delicados”, “finos”, ou “leves”. Os carnívoros dependem do sentido aguçado do olfato para seguir e capturar a presa, e pode ser que seu nariz seja capaz de articular um mundo espacialmente estruturado – pelo menos aquele que se diferencia pela direção e distância. Já o nariz do homem é um órgão bastante atrofiado e dependemos da vista para localizar as fontes de perigo e de atração, mas, com o auxílio de um mundo visual anterior, o nariz do homem também pode discernir direção e calcular distância relativa através da intensidade de um cheiro (TUAN, 1983, p. 15).

Um lugar se concretiza para o indivíduo quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e

reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos olhos de turistas e da leitura de um guia turístico. É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, como a nação-estado, dos quais eles só podem ter uma experiência direta limitada (TUAN, 1983, p. 20-21).

Segundo Tuan todos os seres humanos têm necessidade de sentir parte de um lugar seu, quer seja uma cadeira no quarto ou um canto preferido em qualquer veículo. O lugar pode adquirir profundo significado através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma história (TUAN, 1983, p. 37).

Para a criança pequena, os pais são seu “lugar” primeiro. O adulto que lhe protege é para ela fonte de alimento e um paraíso de estabilidade. O adulto é também quem dá as explicações à criança, no caso de uma pessoa madura a dependência de outras pessoas é menor, pois pode encontrar segurança e apoio em objetos, localidades e até na busca de idéias. Dize-se que dos jovens namorados que um mora no olhar do outro. Não estão presos às coisas e à localidade; deixarão suas casas e, se preciso, fogem para casar. Os velhos casais estão presos ao lugar, mas estão na verdade presos às pessoas, aos recursos da comunidade e um ao outro. As pessoas idosas podem não querer sobreviver por muito tempo à morte de seu companheiro, mesmo quando dispõem de condições materiais para continuar vivendo. Por isso falamos em *descansar* na força de outra pessoa e em *morar* no amor de outrem. Mesmo assim, a idéia de uma pessoa como “lugar” ou “lar” não é aceita de imediato (TUAN, 1983, p. 154).

Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato. Há ocasiões em que até o adulto saudável anseia pelo aconchego que conheceu na infância. A própria casa parece mais íntima no inverno do que no verão. O inverno nos lembra de nossa vulnerabilidade e define o lar como refúgio. Ao contrário, o verão transforma o mundo inteiro em éden, de modo que nenhum canto é mais protetor do que o outro (TUAN, 1983, p. 152).

Estar arraigado em um lugar é uma experiência diferente da de ter e cultivar um “sentido de lugar”. Uma comunidade realmente enraizada pode ter santuários e monumentos, mas é improvável que tenha museus e sociedades para preservar o passado. O esforço para evocar um sentimento pelo lugar e pelo passado frequentemente é deliberado e consciente. Até onde o esforço é consciente, é a mente que trabalha, e a mente anulará o passado, transformando tudo em conhecimento presente (TUAN, 1983, p. 219).

A construção da identidade do indivíduo com o lugar

De acordo com Tuan (1980, p. 130) qualquer lugar onde há seres humanos pode vir a evocar um sentido de lugar para alguém, e no momento em que se desenvolve um significado de afetividade sobre o espaço, inicia-se o processo de construção de identidade do indivíduo. Tuan destaca que alguns ambientes favorecem nessa construção como, por exemplo, os ambientes naturais que produzem forte atração ao homem. É o caso de uma praia, um vale ou uma ilha.

Na praia, a forma da orla marinha apresenta dupla atração ao ser humano, porque, primeiro, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança e, em segundo, o horizonte aberto para o mar sugere aventura. Reforça essas atrações, o contato do corpo com a água do mar, da pressão dos dedos do pé na areia e da imagem de uma praia banhada pelo brilho direto e refletido da luz do sol (TUAN, 1980, p. 131). Os vales com suas formas côncavas, identificam-se simbolicamente com um refúgio ou um útero materno, pois sugere a sensação de proteção. Os antepassados primatas do homem ao se aventurarem fora da floresta em direção a planície procuraram refúgio nas cavernas porque davam-lhes a sensação de segurança física e psicológica. Dessa forma, as concavidades dos vales dão a sensação ao ser humano de proteção contra o perigo e até mesmo à exposição direta da luz natural (TUAN, 1980, p. 134). A ilha, ao contrário de um vale ou de uma praia, tem sua importância no reino da imaginação. Em inúmeras lendas a ilha aparece como a residência dos mortos ou dos imortais, simbolizando um estado de inocência religiosa e de beatitude, isolado-se dos infortúnios do continente pelo mar (TUAN, 1980, p. 135).

Esses ambientes naturais têm-se figurado diferentemente entre os seres humanos. O ser humano ao construir o seu próprio mundo ideal remove os defeitos do mundo real. Nesse sentido, a Geografia possibilita visualizar esse mundo ideal pela identificação da existência do sentimento de topofilia do indivíduo pelo lugar. Nessa mesma idéia, os lugares “paraísos” não são identificados por suas características físicas (muito quente ou muito frio, muito úmido ou muito seco), mas pela identidade e afetividade com as plantas, animais e amigos que abundam. Para cada indivíduo o paraíso é constituído de forma única, cuja imaginação pode levar a idealizar florestas mágicas, ilhas perfumadas ou vales nas montanhas (TUAN, 1980, p. 286).

Nesse processo de compreensão da construção da identidade do indivíduo com o lugar é importante considerar que numa paisagem os objetos admirados por uma pessoa podem não ser notados por outra. Essa diferenciação deve-se a cultura de cada indivíduo, a qual interfere na percepção onde um aspecto na paisagem pode ser percebido com diferentes interpretações contribuindo na construção de mundos e identidades distintas (TUAN, 1983, p. 182).

Por exemplo, em uma paisagem uma casa é um edifício, mas para determinada pessoa é um lugar, pois representa um espaço de segurança, um abrigo. É um lugar que dê afetividade aonde uns se preocupam com os outros, um reservatório de lembranças e sonhos. Isto é, uma arquitetura para ser bem sucedida deve criar a aparência daquele Mundo que é a contraparte do Eu”. Para o “Eu” individual, esse Mundo é na verdade sua casa. Para o “Eu’ coletivo, esse Mundo é como um ambiente público como o templo, o paço municipal ou o centro cívico (TUAN, 1983, p. 184).

Para Haesbaert (1997, p. 36 *apud* KASHIWAGI, 2011, p, 119), no momento em que uma coletividade apropria-se simbolicamente do espaço constitui-se a identidade espacial, no qual o espaço não é mais tratado só como um território, mas também como “lugar”. A apropriação simbólica do espaço pode ser entendida como a territorialização do homem, a qual possibilita distinguir entre o espaço e o território.

Nesse aspecto, Saquet (2007, p. 119), faz menção a Dematteis e Governa, para esclarecer que a identidade territorial vai além do sentido de pertencimento a um lugar, ou seja, constitui-se do agir coletivo dos grupos sociais, os quais portam práticas e conhecimentos que lhes permitem construir novas lógicas identitárias aos lugares (KASHIWAGI, 2011, p. 166).

Segundo Ferreira (2000, p. 68) a formação dos lugares está vinculada a identidade, ou seja, as expressões de adaptação, da assimilação, da acomodação e da socialização do conhecimento. O lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, associando-se, desta forma, ao conceito de lar.

Para os geógrafos humanistas (anos de 1970 e 1980) a nova Geografia Humanista veio colocar a identidade de um lugar relacionada com os valores simbólicos que constitui o sentido de lugar, recebendo uma nova definição. A representação territorial passa a ser determinada por certas características ambientais, culturais, históricas, paisagísticas com as que um grupo social se identifica. A identidade humana pressupõe a identidade com seu próprio lugar que assim se converte em símbolo de sossego e segurança. Essa nova visão do conceito de identidade inspirou-se nas teorias de alguns sociólogos fenomenológicos, os quais afirmavam que a identidade já não era substancial e pessoal, senão uma construção social e individual com base em um conjunto de relações e representações que se utilizava do sistema simbólico significativo desenvolvido na pluralidade do mundo vivido dos indivíduos (COPETA, 2009, p. 18, *apud* KASHIWAGI, 2011, p. 166).

Outro aspecto também relevante na identidade de um lugar é a conotação política, quando um lugar passa a ser delimitado e suas fronteiras são utilizadas para controlar o acesso. Porém, essa delimitação não significa a constituição de um território, pois a atribuição de significados a um determinado espaço reforça, legitima e dá forma a identidades territoriais específicas, extrapolando o caráter político do território (SACK, 1986, p. 19 *apud* KASHIWAGI, 2011, p. 167). Essa conotação política segundo Knight (1982) deve-se a ligação do espaço à identidade de um grupo que o mantém ou ambiciona um território, desejando obter total controle sobre ele em proveito do grupo (KASHIWAGI, 2011, p. 168).

METODOLOGIA DE ANÁLISE

A metodologia de análise dos dados investigados estruturou-se a partir da própria vivência, aplicação de questionários com questões abertas. Essa pesquisa realizou-se no ambiente de trabalho por esse motivo buscou-se manter o anonimato dos sujeitos entrevistados, identificando-os no texto por meio de letras. O grupo amostral foi composto de 16 indivíduos, em um universo de 90 servidores técnico-administrativos da UFPR Litoral, residentes há mais de um ano no município de Matinhos. Essa investigação, com cerne na compreensão do processo de construção da identidade do indivíduo com o lugar, buscou analisar os aspectos que contribuem ou não para a adaptação desses indivíduos no novo município de moradia.

Os entrevistados foram classificados em dois grupos: Grupo A - Indivíduos oriundos de grandes centros; e Grupo B - Indivíduos oriundos de cidades pequenas, do interior do Estado. Nos dois grupos entrevistados verificou-se residência no Município variando entre 1 a 3 anos. Para a coleta das informações seguiu-se um roteiro de questões a seguir discriminadas:

- Há quanto tempo você mora no município de Matinhos?
- Você poderia dizer o que mais lhe encanta nesse lugar?
- E o que você mais sente falta da cidade de onde veio?
- O que você está fazendo para se adaptar ao novo lugar?
- Você se sente bem na casa/apartamento onde você mora?
- O que você entende por identidade com o lugar?

RESULTADOS DAS ANÁLISES

Com a primeira questão foi possível identificar o tempo de residência dos entrevistados no município de Matinhos, constatando-se que 85% possuíam 1 ano de residência e 15% 2 anos de residência. Dessa forma, percebeu-se que se tratava de um grupo semelhante, apresentando os mesmos desafios no processo de adaptação e construção da identidade com o novo local de moradia.

O segundo questionamento objetivou desvendar os aspectos positivos do novo local de moradia que encantam o indivíduo. No contexto dessa investigação, essa questão é a mais importante, pois desvenda aspectos relevantes ao processo de adaptação. Na Tabela 1, apresentam-se os aspectos mais citados nas respostas, sem critério de relevância, porém, destacando-se o aspecto mais comentado entre os dois grupos analisados.

TABELA 1 – ASPECTOS POSITIVOS SOBRE MATINHOS

Aspectos citados	Grupo A	Grupo B	Total
Areia	1		1
Calor	1		1
Clima		1	1
Clima úmido e quente	1		1
Encontrar pessoas	1	3	4
Harmonia	1		1
Mar	3	1	4
Montanhas		2	2
Morros e serra do mar		1	1
Natureza	2	3	5
Palmeiras	1		1
Passarinhos	2		2
Paz...	1		1
Praia	4	3	7
Proximidade à Curitiba	1	1	2
Proximidade de tudo		3	3
Ritmo da cidade	1		1
Segurança		1	1
Simplicidade das pessoas	1	1	2
Sol	2		2
Tranquilidade	3	4	7
Trânsito tranquilo		2	2

FONTE: A autora, 2011.

Na Tabela 1, verifica-se que o aspecto “**praia**” foi muito destacado nos questionários, vindo ao encontro com o pensamento de Tuan quando afirma que existe uma forte fascinação do ser humano pela beleza das orlas marinhas.

Percebeu-se, também, outro aspecto muito destacado nos questionários que foi a “**tranquilidade**”. Contudo, o verdadeiro sentido dessa palavra não ficou claro, levando-nos a algumas indagações: Ausência de barulho? Ausência de perigo iminente, assaltos ou outros tipos de violências? Ou quem sabe o embalar do som do mar para dormir? Infelizmente, não foi possível obter uma resposta conclusiva.

Outros aspectos destacado nessa Tabela o “**encontrar pessoas**”, o qual é favorecido pelo deslocamento das pessoas a pé, seja para o trabalho ou para o lazer. As curtas distâncias da residência ao trabalho, ao centro da cidade, na própria universidade, permitem que os servidores se encontrem diversas vezes ao dia. Esse aspecto tem sido um dos mais importantes na promoção de novas amizades e na adaptação do indivíduo com o lugar.

Os aspectos “**natureza**” e “**mar**” foram citados indiretamente no contexto de outros aspectos, e, ao computarmos somente as citações diretas as pontuações ficaram em segundo plano. Contudo, tanto a natureza e o mar são alguns dos aspectos mais importantes no município de Matinhos que tem estimulado ao enraizamento do indivíduo com o local.

Nessa perspectiva, verifica-se que as respostas sobre os aspectos que encantam não apresentaram discrepâncias entre os dois grupos que instiguem ao detalhamento. Em resumo, os sujeitos pesquisados apresentaram certo grau de satisfação em relação aos aspectos naturais do município de Matinhos, mais especificamente às belas praias, aos deslocamentos rápidos, a simplicidade das pessoas do local, enfim, a vida pacata de uma cidade pequena.

No entanto, as respostas da Tabela 2 apontam o grau de descontentamento com o lugar atual de moradia. Tais respostas podem demonstrar contradição com as respostas da Tabela 1, demonstrando fragilidades no processo de adaptação. Na Tabela 2, pode-se ver o panorama do descontentamento com o local devido a falta de alguns serviços como atendimento especializado e de qualidade na área de saúde, mais opções de lazer, ausência de infraestrutura básica de saneamento, iluminação pública, coleta de lixo, limpeza da cidade e segurança pública, bem como a falta da própria família. Aspectos que podem levar a não adaptação e a necessidade de ações de acolhimento no local de trabalho.

TABELA 2 – ASPECTOS DE DESCONTENTAMENTO

Aspectos citados	Grupo A	Grupo B	Total
Ausência de amigos	2	1	3
Clima quente		1	1
Poucas opções de comércio	3	3	6
Conservação do município precária	1		1
Ausência da família	4	5	9
Infraestrutura básica precária	1		1
Poucas opções de lazer	4	3	7
Limpeza pública insuficiente	1		1
Organização do município	1		1
Serviços de saúde pouco eficientes	3		3

FONTE: A autora, 2011.

Não houve diferenças significativas nas respostas apresentadas entre os dois grupos entrevistados, com exceção no aspecto de “**serviços de saúde**”, o qual foi citado apenas pelo Grupo A. Isso nos remete a pensar que os entrevistados desse grupo, por serem oriundos de grandes centros, sentem mais falta e descontentamento com a ausência de serviços especializados de atendimento à saúde, bem como, rede de hospitais e laboratórios. Este aspecto poderá ocasionar pedidos de afastamentos ou de redistribuição de servidores, caso seja necessário tratamento de saúde permanente de cônjuge, filhos ou familiares.

Os “**amigos**” deixados para trás foi um dos aspectos mais citados. No entanto, os entrevistados responderam que na medida do possível estão mantendo contato, sendo que o motivo de residir na praia tem motivado o encontro com os amigos nas suas novas casas, compartilhando o novo lar.

Conforme demonstrado na Tabela 2, a falta de “**opções de comércio**” tem sido um dos aspectos que mais dificulta a adaptação, pois não há diversidade de marcas e os preços são extremamente elevados, mesmo nos períodos de baixa temporada. Em muitos casos é necessário deslocar-se para Paranaguá, município vizinho, ou para capital (Curitiba) para obter maior variedade nos produtos e mais

economia. A situação se agrava ao percebermos a falta de qualificação dos profissionais na prestação dos serviços em quase todos os segmentos.

A pouca ou quase inexistência de “lazer” foi um dos aspectos com maior número de citações. Os entrevistados informaram que principalmente no período de baixa temporada não há quase nada para fazer, pois o município não possui cinemas e demais entretenimentos.

A UFPR Litoral, no centro cultural da Universidade, tem promovido programações culturais de iniciativa de docentes de diversos cursos, servidores técnico-administrativos e alunos, tais como peças teatrais, exposições fotográficas e trabalhos de alunos, atividades de yoga para adultos e crianças, festas culturais e juninas, entre inúmeros outros entretenimentos. São algumas ações culturais que têm proporcionado lazer a comunidade local, conforme consta na página www.litoral.ufpr.br.

O aspecto mais destacado pelos dois grupos entrevistados, com igual relevância, foi a “**distância da família**”. A maioria reside no município, porém, não está junto com a família. Não precisamos percorrer os ensinamentos da psicologia para dizer que de todos os aspectos citados, a família é o mais importante, pois a distância ou a ausência da mesma interfere diretamente nas relações sociais dos indivíduos, causando desmotivação, baixa produtividade no trabalho, depressão, adoecimento, práticas pedagógicas deficientes, pedidos de remoção ou transferências, entre outros.

Na quarta questão, um dos meios de adaptação ao novo lugar, são os encontros coletivos de lazer, nos quais se reúnem com a família e os colegas de trabalho, afim de promover integração e novos laços de amizade. Outros eventos coletivos são as partidas de futebol, e em grupos menores caminhadas no calçadão após o expediente e agendamento de horário comum nas academias ou em compras de supermercado. Ações coletivas que promovem laços interpessoais que favorecem a adaptação ao novo local de moradia e a construção de uma identidade com o lugar.

Apesar dos desafios no processo de adaptação, no levantamento de aspectos de descontentamento, os entrevistados afirmam nesse pouco período de moradia em Matinhos que estão felizes no seu novo local de trabalho, na sua nova moradia, pois toda a experiência é muito recente. Essa afirmação pode ser prematura, por isso os dados dessa investigação não são conclusivos.

Por último, questionou-se a compreensão do significado de identidade com o lugar, cujas respostas estão a seguir destacadas. Para manter o anonimato dos indivíduos entrevistados foram utilizadas letras. Aos entrevistados do Grupo A identificou-se por A1 a A8 e aos entrevistados do Grupo B por B1 a B8.

Respostas dos entrevistados do Grupo A:

Indivíduo A1:

“Há muito tempo sonhava em viver num lugar tranqüilo depois de uma vida inteira de estresse e correria. Aqui encontrei quase tudo o que precisava para ter uma vida de paz e tranqüilidade. Isso para mim é ter identidade com o lugar”.

Indivíduo A2:

“Para mim identidade com o lugar é quando você pertence ao lugar, já faz parte dele. Já diz o nome, identificar. Quando a gente já se sente parte do lugar e vive da melhor maneira possível”.

Indivíduo A3:

“Se me identifico com a população, com a cidade, com a vida, com o dia-a-dia, com o que a população e o lugar oferecem, e principalmente entendo como identidade o bem querer, o gostar do local como ele é”.

Indivíduo A4: “É sentir-se feliz no lugar e procurar ajudar para o desenvolvimento local”.

Indivíduo A5:

“Acredito que se identificar com o lugar é quando nos sentimos felizes no local onde moramos e acreditamos que esse lugar vai nos proporcionar tudo àquilo que precisamos. Creio também que o bem estar e a felicidade são muito subjetivos e interligados com a nossa satisfação pessoal no trabalho, na vida familiar e sentimental entre outros fatores. Talvez a insatisfação ou a falta de identidade em se viver em uma cidade ou outra seja pela ausência de alguns desses fatores mencionados”.

Indivíduo A6:

“É o querer estar, estar feliz morando aqui, é gostar da cidade como se gosta da sua cidade natal, é o se envolver, enfim criar raízes”.

Indivíduo A7:

“Entendo que a identidade é criar vínculos e adquirir os costumes locais, mas também trazer as experiências vividas em outras localidades, tentando assim se sentir útil ao lugar”.

Indivíduo A8:

“Entendo como identidade com o lugar, as relações sociais, culturais e materiais que são construídas ao longo do tempo entre o indivíduo e o local onde ele está inserido”.

Respostas dos entrevistados do Grupo B:

Indivíduo B1:

“Sentir como fazendo parte do lugar em que se vive ter relações com este lugar, encontrar-se nele. É ter a cidade como extensão da própria casa e do indivíduo”.

Indivíduo B2:

“Entendo como: a harmonia entre as aspirações individuais e aquilo que o lugar oferece em termos pessoais e profissionais, somada à harmonia energética entre a pessoa e o lugar e seus habitantes”.

Indivíduo B3:

“Entendo como local onde a gente se identifica, sente-se pertencente, ou seja, parte integrante das características físicas e culturais. Ao mesmo tempo sente-se responsável pelo desenvolvimento e por medidas que influenciam as atividades econômicas do local”.

Indivíduo B4:

“Entendo que é quando meu estilo de vida se adéqua/adapta ao estilo de vida do lugar; quando vejo na cultura do local, características condizentes com meu pensar; quando tenho a sensação de pertencimento ao local no sentido cultural, histórico e social”.

Indivíduo B5:

“É quando você está em outra cidade viajando, por exemplo, e quando chega se sentir em casa. É já ter no coração onde é a sua casa de verdade”.

Indivíduo B6:

“Sentir que você tem que retribuir o que ele te dá, afinal não importa de onde vem agora este é o teu ninho, tem obrigação de cuidar que mantenha o que é bom, melhorar o que precisa lutar por ele e seu povo (todos nós)”.

Indivíduo B7:

“A meu ver é você se identificar com o lugar, procurar algo que o identifique e que alegre o seu dia a dia para que consiga ter qualidade de vida”.

Indivíduo B8:

“Entendo em ter algo em comum com o lugar, em sentir-se parte dele e bem nele”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa ao centrar-se na compreensão sobre o sentido de lugar de um grupo de servidores técnico-administrativos da UFPR Litoral, com residência entre 1 a 3 anos, desvendou alguns aspectos que favorecem ao processo de adaptação ao novo local de moradia. O estudo revela que as relações sociais entre os indivíduos se consolidam por meio das atitudes e das relações interpessoais, fortemente entrelaçadas com a construção da identidade e com o sentimento de pertencimento ao lugar.

Os resultados da pesquisa demonstraram que a construção da identidade do indivíduo com o lugar está vinculada ao processo de adaptação. A paisagem natural, o ambiente praiano, o clima quente, a tranquilidade de uma cidade pequena são alguns dos aspectos que os entrevistados destacaram como positivos na nova cidade de moradia. Contudo, a deficiência nos serviços públicos na área de saúde, na infra-estrutura urbana, a distância dos familiares e amigos antigos são os aspectos que dificultam a adaptação. Mas, o estudo demonstrou que apesar da existência desses aspectos negativos, de descontentamento, os indivíduos se consideram felizes.

A felicidade observada na pesquisa é fruto de um esforço no processo de adaptação para buscar o sentimento de pertencimento ao lugar, da consolidação das relações sociais, com os novos colegas de trabalho, com os vizinhos, com as pessoas do cotidiano. O mundo vivido dos novos moradores se constrói com as novas experiências e vivências nas relações interpessoais. Os espaços inicialmente sem sentido se ressignificam a medida que adquirem valores, aos poucos o que antes eram espaços topofóbicos passam a constituir-se em espaços topofílicos.

Enfim, espera-se com essa pesquisa contribuir às ações de gestão de pessoas, descobrindo quais são os aspectos que podem vir a ser trabalhados para o fortalecimento das relações interpessoais. Propõe-se com esses resultados subsídios ao desenvolvimento de atividades que visem o acolhimento do indivíduo com o trabalho e com a nova cidade de moradia, contribuindo para a construção da identidade com o lugar. A interface com outros campos de conhecimento expostos nos fundamentos teóricos desse texto representam a interdisciplinaridade apreendida durante todo o curso de Especialização.

REFERÊNCIAS

COPETA, C. La identidad: Nueva categoria descriptiva del territorio y del paisaje. In: _____. ; LOIS, R. (Orgs.) **Geografía, paisaje e identidad**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009. p. 17-42.

DEMATTEIS, G.; GOVERNA, F. (Org.) **Territorialità, sviluppo locale, sostenibilità: il modello slot**. Milano: Angeli, 2005.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. In: **Território**. Rio de Janeiro, UFRJ, ano V, n. 9 (jul/dez), 2000. p. 65-83.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense – EDUFF, 1997.

HERRERO FABREGAT, C. **Geografía y Educación: sugerencias didácticas**. Madrid: Huerga y Fierro, 1995.

KNIGHT, D. B. Identity and territory: geographical perspectives on nationalism and regionalism. **Annals** of the Association of American Geographers, v.72, n.4, p. 514-531, 1982.

KASHIWAGI, H. M. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui: homônimas sígnicas da paisagem em áreas preservadas**. 274 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Revista Geografia**. Rio Claro, vol. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SACK, R. D. **Human territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University, 1986.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

_____. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, Difel, 1995.